[Relatos]

FOTOETNOGRAFIA DA COVID-19: REPRESENTAÇÕES, COMPORTAMENTOS E PERCEPÇÕES NO NORTE DO TOCANTINS

COVID-19 PHOTOETNOGRAPHY: REPRESENTATIONS, BEHAVIOR AND PERCEPTIONS IN THE NORTH OF TOCANTINS

Alessandra da C. Morais¹, Andreia P. Barros¹, Aparecida P. da S. Xerente¹,
Cristiane D. da Silva¹, Dernival V. Ramos Júnior¹, Dislaine D. dos Santos¹,
Felipe E. L. Oliveira¹, Francisca L. P. G. dos Santos¹, Izabel B. A. dos Santos¹,
Josilene R. Monteiro¹, Kamila F. dos Santos¹, Leomaura M. de A. Soares¹,
Lucrécia B. Barbosa¹, Maicon D. da Silva¹, Maria da Cruz de O. B. Nunes¹, Maria
de F. B. Barros¹, Renata A. de Vasconcelos¹, Rodrigo R. Figueira¹, Rômulo C.
Silva¹, Sariza O. C. Venâncio¹, Thais de Maria Sousa¹, Veríssima D. N. Clímaco¹,
Victória F. Sampaio¹

¹Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território – Universidade
Federal do Tocantins (UFT)
Contato: profmaicondouglass@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa pretende explorar imagens fotográficas sobre representações, comportamentos e percepções da COVID-19 no Norte do Tocantins. As imagens foram obtidas por estudantes do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Araguaína, sob orientação dos professores Sariza O. C. Venâncio e Dernival V. Ramos Júnior, ministrantes da disciplina de Metodologia da Pesquisa em Cultura e Território. Por intermédio do método da fotoetnografia, foi possível elucidar algumas reflexões sobre os impactos e desafios que a pandemia impôs aos sujeitos em alguns municípios na região compreendida como Vales dos Rios Araguaia e Tocantins.

Abstract: This research intends to explore photographic images about COVID-19's representations, behaviors and perceptions in North of Tocantins. The images were obtained by students of the Master's Program of the Graduate Program in Culture and Territory Studies (PPGCULT) from the Federal University of Tocantins (UFT), Campus de Araguaína, under the guidance of teachers Sariza O. C. Venâncio and Dernival V. Ramos Júnior, lecturers of the Methodology of Research in Culture and Territory. Through the method of photoethnography, it was possible to elucidate some reflections on the impacts and challenges that the pandemic imposed on the subjects in some municipalities in the region understood as Valleys of the Rivers Araguaia and Tocantins.

1. Introdução

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) classificou o novo coronavírus (SARS-CoV-2 ou COVID-19) como a mais nova pandemia mundial da história recente. Após o término da escrita deste artigo, a doença foi responsável por contaminar mais de 81 milhões de pessoas, vitimando quase 1,8 milhões ao redor do mundo, segundo os dados divulgados pela OMS (<https://covid19.who.int/>). A tendência de aumento acentuado de novos casos em decorrência dos pressupostos da segunda onda de contaminação e das mutações do vírus acende os alertas, preocupando as autoridades sanitárias, que são responsáveis por lidar diretamente com as políticas de minimização e retenção da COVID-19. O Brasil, contudo, vivencia diversos impasses com respeito ao reconhecimento e a magnitude das mortandades crescentes no país, comportamento que advém, sobretudo, da autoridade máxima do poder Executivo brasileiro.

Diante desses efeitos catastróficos e imprecisos concentrados no atípico ano de 2020, este estudo pretende construir olhares sobre a pandemia da COVID-19 no Norte do Estado do Tocantins, mais especificamente na microrregião de Araguaína. Pretende-se, com a conclusão deste trabalho, refletir sobre as representações, comportamentos e percepções que a pandemia impôs nos modos de vida dos sujeitos pertencentes a essa territorialidade periférica do Brasil.

Como procedimento metodológico, a fotoetnografia foi a técnica escolhida, uma vez que o uso das fotografias possibilitou o alcance das (re)interpretações sobre o caos sanitário no norte tocantinense. Esse recorte espacial se deve ao fato de que pesquisas sobre a COVID-19 nesse território ainda são bastante parcas, e porque também a Universidade e o Programa pertencem a essa territorialidade.

Nos momentos iniciais à divulgação em meios de comunicação sobre a COVID-19 no Tocantins e em seu interior, um dos primeiros sentimentos generalizados era a de medo em decorrência das incertezas e das inconclusões geradas sobre a doença nova, no qual pouco se sabia dela. Um dos princípios levantadas por Aguiar *et al* (2020) foi que os primeiros casos tenham surgido por intermédio da malha rodoviária que corta fronteiras com estados vizinhos, em

especial com a região sudeste do Pará e o sul do Maranhão, que compõem a porção Norte dos Vales dos Rios Araguaia e Tocantins.

Diante do número de casos crescentes, Araguaína, o maior município do Norte do Tocantins, considerado pólo econômico do estado por ser a localidade concentradora de um grande fluxo de pessoas, começou a adotar uma série de medidas severas para conter o avanço da doença, como o fechamento do setor logístico e comercial, além dos locais públicos a fim de evitar aglomerações, tornando obrigatório o uso das máscaras, conforme elucida o Decreto de Lei nº 2.017 de 06 de abril de 2020¹.

Desta forma, Araguaína tornou-se o primeiro município brasileiro a adotar o uso obrigatório da máscara em vias de acesso público (AF NOTÍCIAS, 2020), além de recomendar que as pessoas estabeleçam o isolamento social como a principal medida preventiva. O recomendável, nesta circunstância, era de que somente o comércio que emana de serviços essenciais (supermercados, farmácias, hospitais particulares e bancos) pudessem permanecer funcionando. Mesmo com essas questões implicadas na sociedade araguainense, algumas práticas cotidianas perduraram no decorrer da pandemia, como pode-se observar na fotografia a seguir.

Fotografia 1: Estudantes na Biblioteca Municipal de Araguaína-TO. Fonte: Sousa (2020).

¹ Torna obrigatório o uso de máscara de proteção respiratória por todos os cidadãos em ambiente público como forma de prevenção para a contenção do avanço da epidemia COVID-19. O PREFEITO MUNICIPAL DE ARAGUAÍNA, ESTADO DO TOCANTINS, no uso das atribuições legais conferidas pela Constituição Federal e Lei Orgânica do Município (DECRETO Nº 2017, 06 ABRIL 2020, PREFEITURA DE ARAGUAÍNA.

A pandemia mudou a forma das pessoas estarem uma ao lado das outras. Estes estudantes (fotografia 1) estão em um espaço público de Araguaína usando máscaras de proteção facial para realizar seus estudos. Por meio desse registro, percebe-se certa resistência das pessoas em desvencilhar dos “antigos” hábitos de estudo. Além disso, a imagem evidencia a nova rotina imposta às pessoas, como a utilização da máscara.

Fotografia 2: Área localizada na Avenida Filadélfia, em Araguaína-TO. Fonte: Soares (2020).

O registro acima retrata um diálogo entre vendedores ambulantes numa sexta-feira de vendas para essas pessoas que dependem do trabalho para seu sustento e o de suas famílias. Milhares de pessoas vivendo nessas condições têm uma série de questões sociais que impedem as mesmas de permanecerem cumprindo o isolamento social recomendado pelo protocolo sanitário. Desse modo, os trabalhadores sobrevivem coexistindo com a pandemia da COVID-19. Apesar destas questões, a fotografia 2 revela um detalhe que chama bastante a atenção, que é o uso da máscara por um idoso durante o encontro. Interessante abordar esse quesito, levando em consideração que a referida faixa etária seria a mais propensa a sofrer com os danos causados pela ação do vírus no corpo humano.

Medo, morte, isolamento, saúde e máscara são algumas das palavras descritas por interlocutores de uma pesquisa, construída por meio da aplicabilidade de formulários eletrônicos e da cartografia. Trata-se do artigo intitulado *Notificando o medo: cartografia e percepção da COVID-19 na malha rodoviária na porção Norte dos Vales dos Rios Araguaia e Tocantins*, publicado em junho de 2020 pela revista Hygeia. Nesse estudo, o medo foi a palavra que mais se destacou. Esse fator revela a formação e a consolidação do imaginário social das pessoas quando as mesmas representam e percebem a COVID-19 nessa espacialidade, provocando mudanças de comportamentos (AGUIAR *et al*, 2020).

Pode-se, mais uma vez, constatar que esse imaginário social está representado e materializado nos modos de viver dos sujeitos. A fotografia 3 representa o medo de um morador da comunidade remanescente do quilombo Ilha de São Vicente, localizado no município de Araguatins-TO. A pandemia foi percebida, para além dos sujeitos citadinos, como uma ameaça à cultura e à sociabilidade nessas comunidades tradicionais, uma vez que a maioria dos sujeitos pioneiros são idosos.

Fotografia 3: Orientação sobre o uso de máscara na Ilha de São Vicente, em Araguatins-TO. Fonte: Barros (2020)

Além da ameaça iminente da COVID-19 nas comunidades tradicionais quilombolas, indígenas e ribeirinhas, o sentimento de medo ultrageneralizado também alavancou uma série de mobilizações de saberes tradicionais com relação à doença, dada a ausência de um modelo científico mais robusto que propicia o controle da contaminação. Com isso, a usabilidade de medicamentos naturais ou laboratoriais foi expressiva desde o início da pandemia, uma vez que, esse sentimento aliado à imprecisas informações sobre a doença impulsiona o processo

de automedicação dos sujeitos, ocorridas de forma arbitrária, aleatória. A fotografia 4 retrata esta prerrogativa. Nesse sentido, um fato que deve ser considerado é a indicação indevida da Hidroxicloroquina como um medicamento eficaz no combate aos sintomas da virulência no corpo humano. Contudo, essa tese despertou uma série de estudos que comprovaram, cientificamente, a imediata ineficácia dessa medicação.

Fotografia 4: Automedicações. Fonte: Barros (2020)

Além da questão da automedicação, outros efeitos ocorridos em cadeia foram percebidos ao longo da pandemia, como a falta de insumos hospitalares (máscaras, viseiras, testes rápidos, dentre outros), de medicamentos e de alimentos, comportamentos relacionados à visão obscurantista e negacionista.

Outrossim, a pandemia, de fato, acarretou em uma série de modificações nas sociedades, afetando diretamente as relações interpessoais, a organização dos espaços sociais e também culturais, o que demandou um (re)inventar nos modos de vida. A academia, nestas condições, se torna primordial no fazer ciência, difundir saber e, sobretudo, promover análises acerca do enfrentamento da COVID-19 nos

modos culturais e nas interpretações singulares e coletivas, a partir das ações registradas dos sujeitos, que facilitam e minimizam a transmissão da doença no Norte do Tocantins.

Fotografia 5: Medida de prevenção em órgão público. Fonte: Silva (2020)

Desse modo, a fotografia 5 elucida as medidas de proteção presentes no prédio da Prefeitura Municipal de Araguaína, localizada na Avenida José de Brito. Um prédio de alvenaria, pintado de branco, com azulejos da mesma cor. Há uma mulher, adentrando a este órgão, com placa de advertência de que ela não poderia entrar sem o uso de máscara. Na fotografia, fica explícito as recomendações aos frequentadores aderirem às medidas de proteção expedidas pelo Ministério da

Saúde, sendo de responsabilidade dos espaços públicos disponibilizarem nas entradas desses espaços materiais que facilitem a higienização das pessoas.

No universo acadêmico (fotografia 6), houve a necessidade de reinvenção de ambientes e processos de aprendizagem para possibilitar a continuidade da educação, baseada essencialmente no uso de recursos tecnológicos e comunicacionais, como também exigiu conhecimentos mais aprofundados dos sujeitos no que se refere ao manuseio dessas plataformas digitais e metodologias ativas.

Fotografia 6: Atividade universitária *on-line* síncrona. Fonte: Silva (2020)

Essa fotografia evidencia a modalidade de ensino remoto ou *on-line*, criada a partir da pandemia. Diante dessas mudanças abruptas (separação física nas relações entre professor-aluno-instituições), o cotidiano do mundo dos estudos foi facilitado pela tecnologia. Todavia, sob o espectro da educação nesse cenário, a pandemia, ora reacendeu a necessidade de pensar sobre as novas possibilidades de interações virtuais (e que ainda não eram bastante exploradas), ora também propiciou refletir o quanto o Brasil ainda é um país profundamente desigual, injusto e

opressor, à medida que muitas pessoas ainda têm dificuldades em dispor dessas tecnologias, como *notebooks*, *smartphones*, *tablets*, *internet*, dentre outros.

Além das mudanças relativas ao cenário educacional, são nítidas as mudanças comportamentais, sobretudo quanto a utilização de máscaras, obrigatórias a partir de então.

Fotografia 7: Máscara: um acessório indispensável na vigente pandemia. Fonte: Sampaio (2020)

Conforme o registro acima, a máscara de tecido presa por botões da camisa, se tornou indispensável, incorporou-se nos *looks*, nas rotinas, nos hábitos. Além de ser comumente utilizada por profissionais de saúde, nos dias recentes, a máscara tornou-se peça de vestuário essencial no combate à contaminação por COVID-19.

Devido à gravidade da situação, as mudanças de comportamento se fizeram necessárias, mas com o perdurar da pandemia, observou-se um cansaço contínuo, à medida que a curva de contaminação parecia não diminuir. Diante disso, a cultura do negacionismo, que já era bastante presente na forma com que muitas pessoas encaravam a realidade, tornou-se mais pujante, sendo que “[...] a negação é a máscara retirada do rosto e posta, como um poderoso véu, no mundo; uma forma de escapar de uma verdade desconfortável, dolorosa ou mesmo insuportável [...]” (MELLO, 2020, p. 1). Levando ao descrédito à comunidade científica, que desde o início da pandemia, estaria empenhada no desenvolvimento de vacinas que bloqueiam massivamente a disseminação do vírus nas sociedades.

Observando os espaços urbanos (fotografia 8), constata-se a resistência de muitas pessoas quanto ao uso das máscaras no interior das lojas cheias, nas feiras livres, dentre outros espaços. Assim, as restrições pouco têm surtido o efeito desejado na prática do combate a COVID-19. As consequências desses comportamentos são o aumento da curva de contaminação, a diminuição no número de leitos nas Unidades de Terapia Intensiva (UTIs), e o aumento na taxa de mortalidade. Até o momento em que esta pesquisa foi concluída, o Estado do Tocantins atingiu a marca de 90.358 casos, sendo 1.234 óbitos (TOCANTINS, 2020).

Fotografia 8: Feira aberta de Araguaína-TO durante a pandemia de COVID-19. Foto: Santos (2020).

Na feira, localizada ao lado do Mercado Municipal de Araguaína, apesar de conter um público jovem, as pessoas idosas compõem a maioria dos frequentadores. Ao visualizar o registro, parece que essa faixa etária é literalmente público alvo da feira, uma vez que é justamente essas pessoas o grupo de risco de contaminação da doença. Além da feira, outro espaço urbano considerado serviço essencial foram os supermercados. Apesar da obrigatoriedade da disposição de pias para lavar as mãos, uso de álcool em gel e marcas no chão sinalizando distanciamento entre as pessoas, esses mecanismos de proteção não impediram o contágio do vírus, conforme a fotografia 9.

Fotografia 9: Casal apoiando as mãos em escada rolante de supermercado. Fonte: Santos (2020).

Os locais com aglomerações propiciam o contágio da COVID-19. O registro acima problematiza que após fazer uso da escada rolante e ao tocar nos corrimãos, nem todas as pessoas cumprirão os protocolos sanitários. Nestas circunstâncias, se

uma pessoa estiver contaminada e a mesma for de modo assintomático, o vírus potencialmente se propagará a outras pessoas, provocando um maior dimensionamento no número de casos, de modo que as autoridades públicas necessitam reforçar o estabelecimento provisório de unidades de tratamento (fotografia 10) contra a COVID-19 aos pacientes da região que circunscreve o maior município do Norte do Tocantins.

Fotografia 10: Hospital Municipal Eduardo Medrado - Unidade COVID-19, em Araguaína-TO. Fonte: Oliveira (2020).

Todo esse estado de coisas – inerentes às práticas negacionistas e de omissão coletiva – fez com que o número de casos tenha se intensificado no findar do ano de 2020, reflexo também das aglomerações que potencialmente foram construídas ao longo do período das campanhas eleitorais do referido ano.

Referências

AF NOTÍCIAS. **Araguaína 1ª cidade a aderir ao uso de máscaras no Brasil.** Acesso em: 21 dez. 2020. Disponível em:

<https://afnoticias.com.br/cidades/araguaina-e-a-primeira-cidade-do-brasil-a-obrigar-u-so-de-mascaras-e-sera-crime-descumprir>

AGUIAR *et al.* Notificando o medo: cartografia e percepção da COVID-19 na malha rodoviária na porção Norte dos Vales dos Rios Araguaia e Tocantins. **Hygeia**. Edição Especial: Covid-19, Jun./2020 p. 153-163. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/54395>>.

ARAGUAÍNA, Prefeitura Municipal de. **Leis, Decretos e Portarias**. Acesso em 20 de dezembro de 2020. Disponível em: Prefeitura Municipal de Araguaína - Decreto Nº 217 (araguaina.to.gov.br).

MELLO, Denise Maurano. Medo, perplexidade, negacionismo, aturdimiento - e luto: afetos do sujeito da pandemia. Scielo - **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.ph>. Acesso em 18/12/2020.

TOCANTINS, Secretaria da Saúde. Centro de Informações Estratégicas de Vigilância em Saúde. **Boletim nº 277**. Acesso em 17 dez. 2020. Disponível em: <<http://integra.saude.to.gov.br/covid19>>.

Submetido: 10/12/2020

Aprovado: 31/12/2020